

## O GRÉS, A CERÂMICA VIDRADA E OS VIDROS DOS SÍTIOS HISTÓRICOS ITATIBA E ITATIBA II

Neide BARROCÁ FACCIÓ\*

Hiuri Marcel DI BACO\*\*

**Resumo:** O estudo de arqueologia nas áreas dos Sítios Arqueológicos Itatiba e Itatiba II tiveram por objetivo a obtenção de informações sobre os processos culturais, abrangendo as populações indígenas e as frentes pioneiras da sociedade brasileira, evidenciadas na cultura material contida nos registros arqueológicos, incorporando-os à memória regional e nacional e evitando as perdas dessas informações. O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa arqueológica realizada com o grés, a cerâmica vidrada e o vidro dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

**Palavras-chave:** sítio arqueológico histórico, patrimônio cultural, cerâmica histórica, lítico.

## THE STONEWARE, THE CERAMIC GLASS AND GLASSES OF HISTORIC SITES ITATIBA AND ITATIBA II

**Abstract:** The study of archaeology in the areas of the Archaeological Sites Itatiba and Itatiba II has aimed to collect information on cultural processes, comprehending the Indian population and the pioneer groups of the Brazilian society shown by the cultural material contained in the archaeological records, and also incorporating them into the regional and national memories, in order to avoid the loss of such information. The current article aims to

---

\* Endereço eletrônico: [nfaccio@terra.com.br](mailto:nfaccio@terra.com.br). Professora Doutora em Arqueologia, do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP.

\*\* Endereço eletrônico: [hiuridibaco@gmail.com](mailto:hiuridibaco@gmail.com). Bacharel em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – FCT/UNESP.

present the results of the archaeological research carried on with the grès, the glassy pottery and glasses of the Sites Itatiba and Itatiba II.

**Key words:** historical archaeological site, cultural heritage, historic pottery, lithic.

## 1. Introdução

O grés, a cerâmica vidrada e o vidro dos Sítios Itatiba e Itatiba II foram produzidos no século XIX. O grés foi provavelmente importado da Inglaterra e serviu para o transporte de bebidas como a cerveja, genebra, água mineral, tinta nanquim etc. A cerâmica vidrada foi utilizada para a preparação e armazenamento de alimentos, podendo ter vindo de Portugal ou ser produzida no Brasil, tendo em vista a disseminação das indústrias de cerâmica vidrada por vários estados do Brasil do século XIX. O vidro de fabricação artesanal por sopro livre ou em molde e de produção fabril foram identificados nas áreas do Sítio Itatiba. Contudo, para a área do Sítio Itatiba II foi evidenciado um frasco de vidro fragmentado, de fabricação francesa semiautomática. O estudo desses materiais contribuem para o entendimento dos processos culturais ocorridos no século XIX e para a preservação de nosso patrimônio cultural.

## 2. O Grés e a Cerâmica Vidrada

O grés ou stoneware teve origem na China. Segundo Lima et al (1989), o grés foi:

[...] produzido na Alemanha, por volta do século XVI, generalizou-se, passando a ser amplamente fabricado pela Inglaterra, França e Holanda. Por ser de grande resistência e impermeabilidade tornou-se excelente para o transporte de bebidas e outros líquidos. A Inglaterra e outros países exportaram, durante o século XIX, vários recipientes de grés contendo cerveja, genebra, água mineral e também tinta nanquim, entre outros produtos.

A cor do grés pode variar do areia ao marrom avermelhado, bem como o formato das garrafas, dependendo do conteúdo. Muitas delas não apresentam marcas, e foram aqui reaproveitadas para engarrafar bebidas nacionais. Era comum o anúncio em jornais para compra de garrafas vazias, por um preço relativamente alto (LIMA et al.,1989).

O grés é o tipo de cerâmica que mais se aproxima da porcelana, possuindo aspecto vitrificado mais opaco. Segundo Fournier Garcia (1990), o grés tem som metálico, não racha sob a ação do fogo e apresenta fratura conchoidal.

Já a cerâmica vidrada, também conhecida como louça vidrada, aparece em pequena quantidade nos sítios históricos:

[...] era utilizada em utensílios de cozinha destinados à preparação e ao armazenamento de alimentos. O vidrado conhecido como “salt-glazed”, era aplicado apenas à parte interna dos recipientes, em tonalidades que variavam do amarelo-mostarda ao verde, dependendo do composto empregado na esmaltagem. As primeiras louças vidradas teriam vindo de Portugal, compondo o equipamento doméstico dos colonizadores. As notícias referentes à sua fabricação no Brasil aparecem apenas em documentos em torno de 1800” (LIMA et al, 1989, p. 218 - 219).

O vidrado tem por objetivo melhorar a qualidade e impermeabilidade da cerâmica. Segundo Brancante (1981), a produção da cerâmica vidrada no Brasil é disseminada em diversos estados a partir do século XIX. Segundo Lima et al (1989), a cerâmica vidrada, no século XIX, era utilizada pelas negras “de ganho”, que vendiam o aluá nesse tipo de louça.

As fotos a seguir apresentam os fragmentos de grés e cerâmica vidrada evidenciadas nos Sítios Itatiba e Itatiba II.



Foto 1: Fragmento de parede de uma garrafa de grés, apresentando parte da marca. Sítio Itatiba, SP.

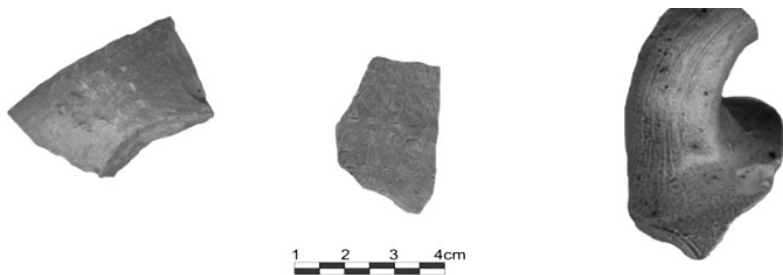


Foto 2: Face externa de fragmentos de parede e alça de garrafa de grés. A peça do meio apresenta parte da marca. Sítio Itatiba, SP.

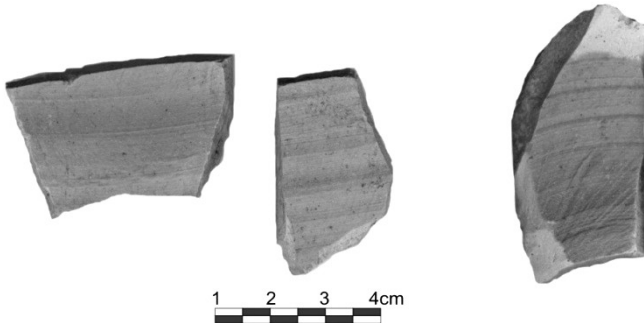


Foto 3: Face interna dos fragmentos apresentados na foto anterior, onde se verifica a marca do torno. Sítio Itatiba, SP.

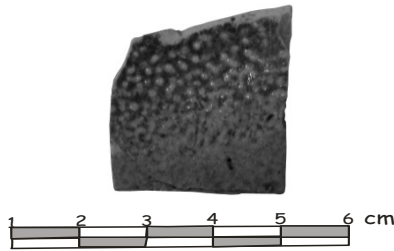


Foto 4: Fragmento de parede (face interna com marcas de torno) de grés. Sítio Itatiba II, SP.



Foto 5: Fragmento de parede (face interna com marcas de torno) de grés. Sítio Itatiba II, SP.

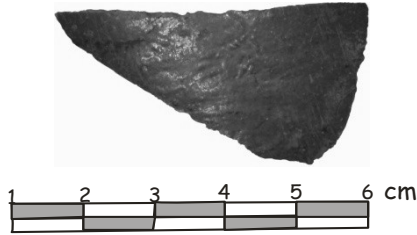


Foto 6: Fragmento de parede (face interna com marcas de torno) de grés. Sítio Itatiba II, SP.

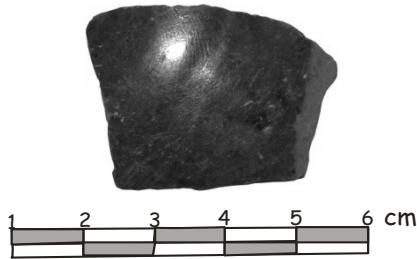


Foto 7: Fragmento de parede cerâmica vidrada. Sítio Itatiba, SP.

### 3. Vidro

O vidro pode ser definido como “substância sólida, transparente e frágil, que resulta da fusão de areia silicosa, cal e carbonato de sódio ou potássio” (KOOGAN/HOUAISS, 1999).

Os Sítios Itatiba e Itatiba II apresentaram fragmentos de recipientes de vidro provavelmente utilizados para conter bebidas (óleo, vinho, conhaque etc), produtos de toucador ou farmacêuticos.

Esses fragmentos são, em sua maior parte, em vários tons da cor verde e, em menor quantidade, nas cores azul, âmbar e transparente. A cor verde e âmbar são naturais, sendo a variação decorrente das impurezas da areia empregada na confecção. As demais cores são resultantes da adição de corantes. Já para a produção do vidro transparente é necessária a adição de agentes descolorantes.

Os recipientes de vidro foram produzidos artesanalmente, por sopro livre em molde, até o século XIX, quando passou a ser produzido de forma automática.

O vidro artesanal é produzido com um tubo de sopro livre ou em molde. Segundo Juliani (2003), o vidro produzido manualmente:

[...] é confeccionado com um tubo de sopro (livre ou em molde) ao qual o vidro fundido é atado e soprado pelo vidreiro. Antes da remoção da peça do tubo de sopro, esta é atada a um pontel com maça de vidro fundido, para seu acabamento. Este quando retirado deixa cicatrizes características no vidro. Para a confecção das garrafas moldadas manualmente, dois tipos principais de moldes foram utilizados: em peça única ou em partes, com variações. Algumas peças eram confeccionadas apenas parcialmente em molde e terminadas em sopro livre. Essas diferenças técnicas, que tiveram uso preferencial em diferentes períodos, imprimem estrias características que podem ser perceptíveis no corpo dos recipientes (JULIANI, 2003, p. 172).

A partir do século XIX, com a produção industrial, as formas dos recipientes de vidro tornaram-se mais homogêneas, devido à utilização de moldes. Dessa forma, é possível identificar nas peças de fabricação industrial as marcas dos moldes.

O Sítio Itatiba apresentou 29 fragmentos de vidro. Depois de reunidos em conjuntos de uma mesma peça, verificou-se a presença de três conjuntos (**Tabela 1**). Dessa forma, para o Sítio Itatiba, pode se afirmar que foram evidenciadas 19 peças em vidro.

Conjunto	nº	Cor	Tipo de Função	Téc. de Confecção
1	2	Verde	Garrafa	não identificada
2	5	Verde	Garrafa	artesanal
3	8	Verde	Garrafa	artesanal

Tabela 1: Conjuntos de fragmentos de uma mesma peça em vidro. Sítio Itatiba, SP.

O Sítio Itatiba II apresentou 58 fragmentos de vidro. Depois de reunidos em conjuntos de uma mesma peça, verificou-se a presença de oito conjuntos (Tabela 2). Dessa forma, para o Sítio Itatiba II, pode se afirmar que foram evidenciadas 31 peças em vidro.

Conjunto	n°	Cor	Tipo de Função	Téc. de Confeccção
1	5	Azul	Frasco	fábril
2	2	Azul	Frasco	não identificada
3	5	Verde	Garrafa	não identificada
4	11	Verde	Garrafa	artesanal
5	2	Verde	Não Identificado	não identificada
6	3	Verde	Garrafa	não identificada
7	2	Verde	Garrafa	não identificada
8	3	Verde	Garrafa	não identificada

Tabela 2: Conjuntos de fragmentos de uma mesma peça em vidro. Sítio Itatiba II, SP.

As **tabelas 3 e 4** apresentam os fragmentos de vidro do Itatiba analisados a partir das categorias: número das peças, número dos conjuntos, cor e técnica de manufatura.

n°	Conjunto	Função	Cor	Téc. de Confeccção
1		garrafa	verde	não identificado
2		garrafa	verde	não identificado
3	1	garrafa	verde	não identificado
4	1	garrafa	verde	não identificado
5		garrafa	verde	não identificado
6		garrafa	verde	não identificado
7		garrafa	âmbar	não identificado
8		vidro de remédio	âmbar	fábril
9		não identificado	verde	não identificado
10		não identificado	verde	não identificado
11		vidro de remédio	hialino	fábril
12		frasco	hialino	fábril
13		tampa de perfume	hialino	fábril
14		tinteiro	hialino	fábril
15	2	garrafa	verde	artesanal
16	2	garrafa	verde	artesanal
17	2	garrafa	verde	artesanal
18	2	garrafa	verde	artesanal
19	2	garrafa	verde	artesanal
20	3	garrafa	verde	artesanal
21	3	garrafa	verde	artesanal
22	3	garrafa	verde	artesanal
23	3	garrafa	verde	artesanal
24	3	garrafa	verde	artesanal
25	3	garrafa	verde	artesanal
26	3	garrafa	verde	artesanal
27	3	garrafa	verde	artesanal
28		xícara	branco	fábril
29		não identificado	branco	fábril



Tabela 3: Fragmentos de Vidro do Sítio Itatiba, SP.

nº	Conjunto	Função	Cor	Téc. de Confecção
1		garrafa	verde	
2		garrafa	verde	artesanal
3		garrafa	verde	artesanal
4		garrafa	verde	artesanal
5		garrafa	verde	não identificado
6	8	garrafa	verde	não identificado
7	8	garrafa	verde	não identificado
8	8	garrafa	verde	não identificado
9		garrafa	verde	não identificado
10		não identificado	verde	não identificado
11		não identificado	verde	não identificado
12		garrafa	verde	não identificado
13	7	não identificado	verde	não identificado
14	7	não identificado	verde	não identificado
15		garrafa	verde	não identificado
16	4	garrafa	verde	artesanal
17	4	garrafa	verde	artesanal
18	4	garrafa	verde	artesanal
19	4	garrafa	verde	artesanal
20	4	garrafa	verde	artesanal
21	4	garrafa	verde	artesanal
22	4	garrafa	verde	artesanal
23	4	garrafa	verde	artesanal
24	4	garrafa	verde	artesanal
25	4	garrafa	verde	artesanal
26	4	garrafa	verde	artesanal
27	3	garrafa	verde	não identificado
28	3	garrafa	verde	não identificado
29	3	garrafa	verde	não identificado
30	3	garrafa	verde	não identificado
31	3	garrafa	verde	não identificado
32	5	não identificado	verde	não identificado
33	5	não identificado	verde	não identificado
34	6	garrafa	verde	não identificado
35	6	garrafa	verde	não identificado
36	6	garrafa	verde	não identificado
37		construção	hialino	fábril
38		não identificado	hialino	não identificado
39		não identificado	hialino	não identificado
40		frasco	hialino	fábril
41		não identificado	hialino	não identificado
42		não identificado	hialino	não identificado
43		não identificado	hialino	não identificado
44		não identificado	hialino	não identificado
45		frasco	hialino	não identificado
46		não identificado	azul claro (água marinha)	não identificado
47		garrafa	verde	não identificado
48		não identificado	verde	não identificado
49		garrafa	verde	não identificado
50		não identificado	verde	não identificado
51	2	frasco	azul cobalto	não identificado
52	2	frasco	azul cobalto	não identificado
53	1	frasco	azul cobalto	fábril
54	1	frasco	azul cobalto	fábril
55	1	frasco	azul cobalto	fábril
56	1	frasco	azul cobalto	fábril
57	1	frasco	azul cobalto	fábril
58	1	frasco	azul cobalto	fábril

Tabela 4: Fragmentos de Vidro do Sítio Itatiba II.

A seguir, apresenta-se um documentário fotográfico das peças em vidro dos Sítios Itatiba e Itatiba II.

A **foto 8** apresenta um fragmento de frasco de vidro hialino de produção automática.



Foto 8: Fragmento de frasco de vidro hialino, com superfície decorada em relevo, de produção automática, provavelmente utilizado em toucador. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 9** apresenta um fragmento de vidro hialino de produção automática.

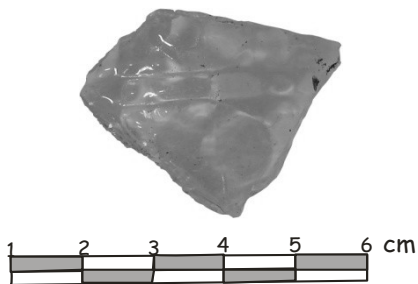


Foto 9: Fragmento vidro hialino. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 10** apresenta um gargalo de produção fabril, por molde duplo. É diagnóstico desse tipo de produção a presença de dois traços verticais que percorrem a peça, da base ao gargalo. O gargalo da peça em análise foi produzido por sopro, diferente das peças produzidas por moldes de peça única, onde o gargalo também é produzido por molde.

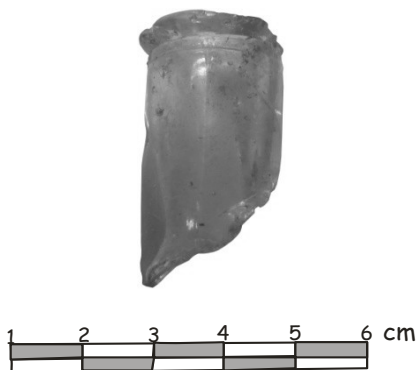


Foto 10: Fragmento de gargalo de um frasco de vidro hialino. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 11** mostra a base de um frasco em vidro hialino. Trata-se de uma base côncava com fundo plano (*fond pique*). Essa forma plana é produzida pelo pistão da máquina automática de origem francesa.

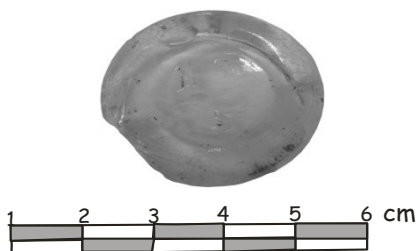


Foto 11: Fragmento de base de um frasco de vidro hialino. O fundo está marcado na parte superior pelo número 15 e na parte inferior pelo número 3. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 12** apresenta uma base com fundo plano, de produção fabril (fond pique), provavelmente de um tinteiro.

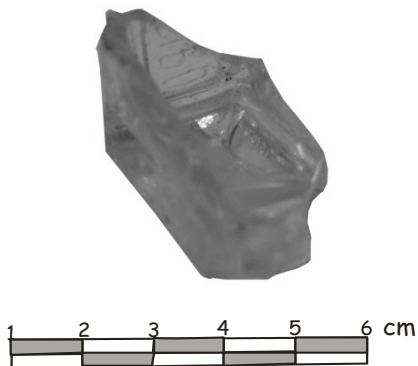


Foto 12: Fragmento de base retangular de um frasco de vidro hialino. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 13** apresenta uma tampa, provavelmente de frasco para conter produto de toucador. A peça foi produzida de forma automática em vidro hialino.

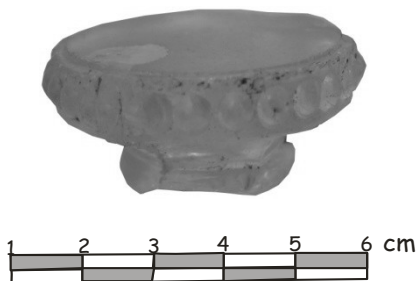


Foto 13: Fragmento de tampa. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 14** apresenta um frasco na cor azul cobalto de produção fabril, provavelmente utilizado para conter produto farmacêutico (óleo de rícino). A peça foi confeccionada em molde duplo, apresentando dois traços verticais que percorrem a peça, da base ao gargalo. O gargalo foi produzido por sopro livre. Apresenta base côncava com fundo plano. Essa é uma característica da produção em máquina semiautomática de fabricação francesa. A base por ser produzida em molde apresenta cicatriz circular, causada pela lâmina que corta a massa incandescente quando o molde é preenchido.

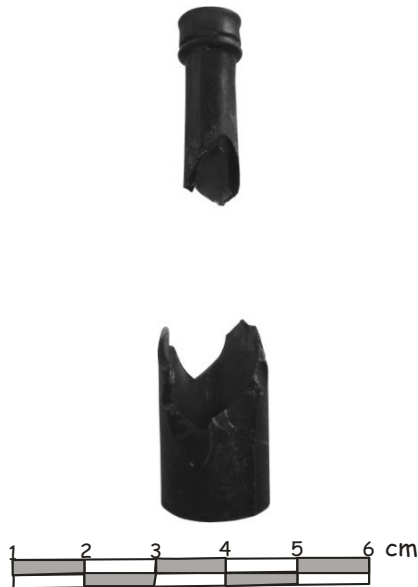


Foto 14: Frasco de vidro fragmentado, provavelmente utilizado para acondicionar óleo de rícino. Sítio Itatiba II, SP.

Segundo Lima (1996), o óleo de rícino era comumente utilizado como laxante e em problemas de prisão de ventre durante a segunda metade do século XIX.

A **foto 15** apresenta um fragmento de vidro do Sítio Itatiba II, provavelmente de uma garrafa.

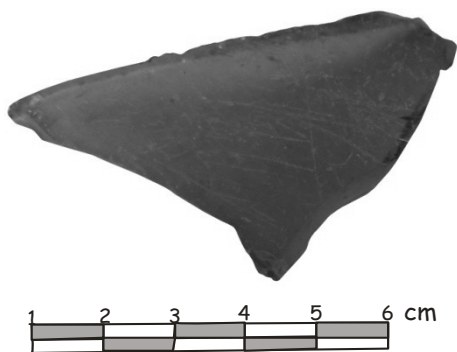


Foto 15: Fragmento de vidro. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 16** apresenta um conjunto de 11 fragmentos de um mesmo recipiente (conjunto número quatro). Trata-se de uma garrafa de produção manual ou artesanal. O gargalo apresenta reforço (*posteriori*), realizado com o objetivo de possibilitar uma maior resistência ao ser vedado por rolha.



Foto 16: Conjunto de fragmentos de uma garrafa produzida artesanalmente. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 17** apresenta um fragmento de vidro de produção fabril. A produção automática deixou um traço vertical no corpo do fragmento.

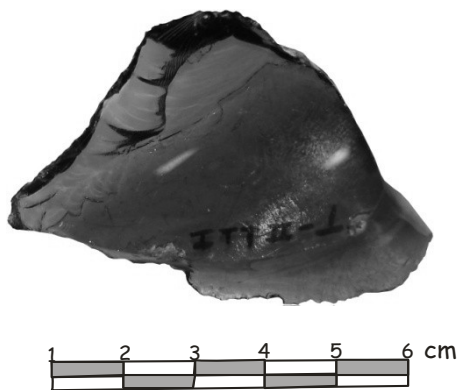


Foto 17: Fragmento de garrafa de vidro. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 18** apresenta um fragmento de base de garrafa de vidro de produção manual ou artesanal, produzida por sopro livre ou em molde.

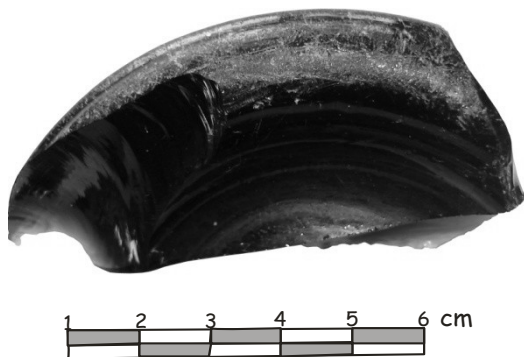


Foto 18: Fragmento de base de garrafa de vidro. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 19** apresenta um fragmento de base de garrafa de produção fabril, confeccionado em molde rotativo, onde o movimento giratório deixa

estrias horizontais suaves na base e cicatriz circular causada pela lâmina que corta a massa incandescente quando o molde é preenchido.

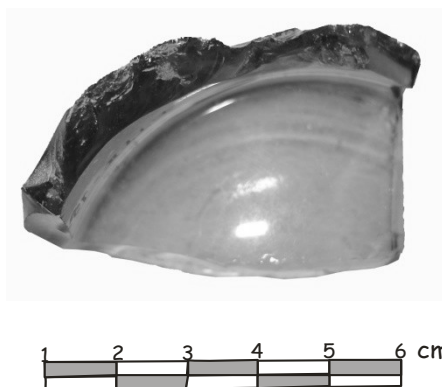


Foto 19: Fragmento de base de garrafa de vidro. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 20** apresenta um fragmento de base de garrafa de vidro de confecção manual ou artesanal, produzida por sopro livre ou molde. A peça apresenta estrias irregulares, marca do decantador, resíduos de areia e irregularidades comuns em bases de produção artesanal.

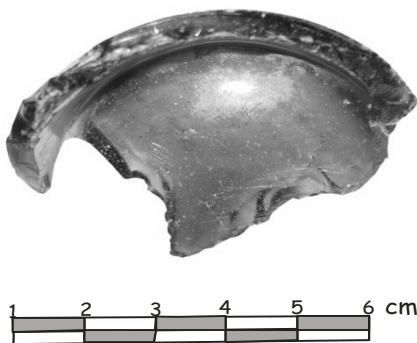


Foto 20: Fragmento de base de garrafa de vidro. Sítio Itatiba II, SP.



A **foto 21** apresenta um fragmento de gargalo de produção manual (sopro livre ou molde). O gargalo possui marcas (riscos) horizontais ao plano da boca do recipiente, devido ao uso do alicate marisador. Esse alicate cumpre papel de moldar a massa vítrea.



Foto 21: Fragmento de gargalo marisado de garrafa de produção artesanal. Sítio Itatiba II, SP.

A **foto 22** apresenta o conjunto de fragmentos, número 3, do Sítio Itatiba. Trata-se de oito fragmentos de uma garrafa produzida de forma artesanal. No fragmento de gargalo desse conjunto, identifica-se um applique moldado a posteriori, a 1,5 centímetro do lábio, para que este seja resistente

ao ser vedado por uma rolha ou tampa. O gargalo, ainda, apresenta-se marisado, efeito produzido pelo atrito entre o alicate e o alicate marisador.

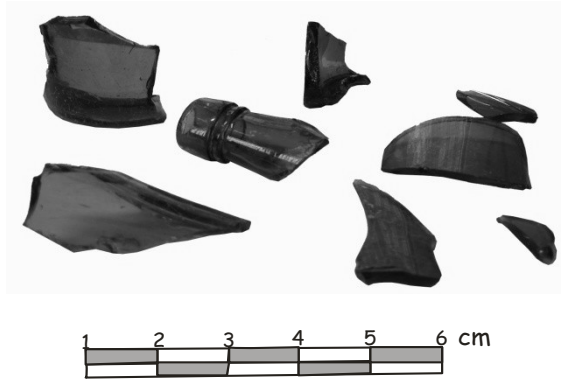


Foto 22: Conjunto de fragmentos de uma garrafa de produção artesanal. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 23** apresenta o conjunto de fragmentos, número 2, do Sítio Itatiba. Trata-se de seis fragmentos de uma garrafa produzida de forma artesanal. A base apresenta forma côncava não regular e espessa. As marcas de ponteiro estão presentes, bem como as estrias irregulares acompanhando o contorno do suporte da garrafa.

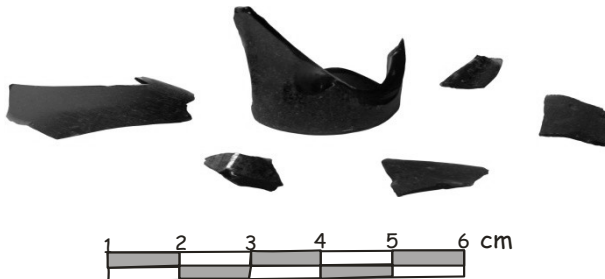


Foto 23: Conjunto de fragmentos de uma garrafa de produção artesanal. Sítio Itatiba, SP.

A **foto 24** apresenta fragmentos de vidro branco.

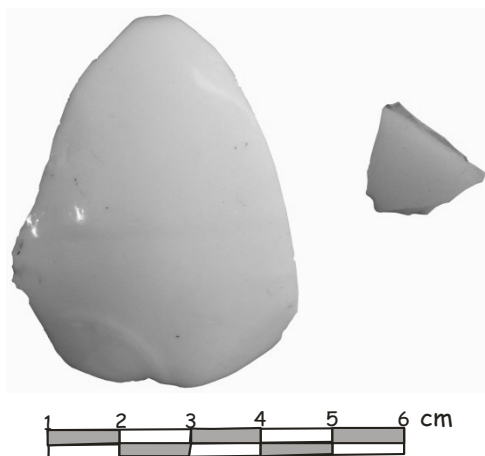


Foto 24: Fragmentos de vidro branco. Sítio Itatiba, SP.

#### 4. Algumas Considerações

A história de Itatiba é conhecida por meio de documentos textuais esparsos e por tradição oral. Contudo, essa é a história de poucos. Esta pesquisa deve contribuir para o conhecimento de aspectos da História local e da Arqueologia, tratando do período da colonização portuguesa no Brasil, bem como da preservação e promoção do patrimônio arqueológico local.

O estudo integral do acervo envolvido durante o processo de pesquisa (como o grés, a cerâmica vidrada, o vidro etc.), gerou subsídios para uma interpretação da sociedade paulista do Século XIX (constituída por indígenas, negros e brancos).

Apesar dos Sítios Itatiba e Itatiba II estarem destruídos e apresentarem uma pequena quantidade de materiais construtivos, coloca-se a hipótese de nos locais ter existido, no passado, casas de taipa. Era comum, na época, os materiais construtivos mais importantes serem retirados das áreas dos sítios, para reaproveitamento em outras construções, ficando no solo apenas o lixo da casa, como vidros, grés, cerâmicas etc. Como não existem indícios de terraplanagem ou movimentação significativa do solo, provavelmente foi isso que aconteceu.

## 5. Bibliografia

ARAÚJO, A.G. M. **Arqueologia da região de Rio Claro: uma síntese.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, p. 125-140, 2001.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a Cerâmica Antiga.** Cia. Litográfica Ipiranga, São Paulo, 1981.

CALDARELLI, S.B. **Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico na Faixa de Domínio do Prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes (SP-348) – Relatório Final.** São Paulo, Scientia, 2001.

\_\_\_\_\_. A arqueologia do interior paulista evidenciada por suas rodovias. **Revista de Arqueologia**, SAB, 14/15: 29-55, 2001/2002.

CALDARELLI, S.B.; JULIANI, L.J.C.O; SANTOS, M.C.M.M. e MAXIMINO, E.P.B. Do Caminho Novo das Minas Gerais à Rodovia Fernão Dias: arqueologia de uma estrada paulista. **Revista do CEPA**, UNISC, 25 (34): 7-126. 2001.

CUSSHION, JOHN P. **Manuel de lá céramique européene**. Fribourg, Suisse, Office du Livre, 732p., 1987.

Custódio, H.B. **As Normas de Proteção ao Patrimônio Cultural Brasileiro em face da Constituição Federal e das Normas Ambientais**. Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural, p. 162-172. UCG, Goiânia, 1996.

FACCIO, NEIDE BARROCÁ. **Arqueologia do Cenário das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema, SP**, Tese de Doutorado. FFCL da USP, São Paulo.

FOUNIER GARCIA, PATRÍCIA. **Evidências arqueológicas de lá importacion de cerâmica em México, com base em los materiales del ex-convento de San Jerônimo**. México, Instituto Nacional de Antropologia e História, Primeira Edição. Coleccion Científica – Série Arqueologia.

JULIANI, L.J.C.O. **Diagnóstico arqueológico de área a ser diretamente afetada pela implantação do Bairro Santa Paula, em Campinas, SP**. São Paulo (impresso), 2004.

Lima, T. A. **et al**. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. **Dédalo, SP. Pub. Avulsa, 1:205-230, 1989**.

MILLER JR., T. O. Pré-história da região de Rio Claro, SP: tradições em divergência. **Cadernos Rioclarense de Ciências Humanas** (1):22-52. 1969.

\_\_\_\_\_. Arqueologia da região central do Estado de São Paulo. **Dédalo**, USP, nº 16, pgs. 13-118. 1972

MORAIS, J. L. Os artefatos em sílex de Santa Barbara D'Oeste, SP. **Revista do Museu Paulista**, Nova Serie, vol. XXVIII, pgs. 101-114. 1982.

MORALES, W. F. **A escravidão esquecida: a administração indígena em Jundiá durante o século XVIII**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 2000.

**A cerâmica “neobrasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, p. 165-187, 2001.

**Índios e Africanos na Jundiá Colonial**. Jundiá, Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente (Série Memórias, vol. 3), 2002.

SILVA, R.C.P. **Compatibilizando os instrumentos legais de preservação arqueológica no Brasil: o Decreto-Lei 25/37 e a Lei 3.924/61**. Revista de Arqueologia, 9:9-23, 1996.